

# A REPRESENTAÇÃO DAS TRANSVIOLÊNCIAS DE GÊNERO E A REVITIMIZAÇÃO MIDIÁTICA

## **Ana Paula de Castro Neves**

*Doutoranda em Direitos Humanos do Programa de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos - (PPGIDH) da Universidade Federal de Goiás. apcastro\_1@hotmail.com;*

## **Nathália M. C. Dardeau de Albuquerque**

*Doutoranda em Direitos Humanos do Programa de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos - (PPGIDH) da Universidade Federal de Goiás. nathaliadardeau@gmail.com;*

## **Luciano Rodrigues de Castro**

*Doutorando em Direitos Humanos do Programa de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos - (PPGIDH) da Universidade Federal de Goiás. ro.luciano88@gmail.com;*

## **Rakell Dhamarys Moreira**

*Doutoranda em Direitos Humanos do Programa de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos - (PPGIDH) da Universidade Federal de Goiás. adv.rakelldhamarys@gmail.com;*

## **Dra. Angelita Pereira de Lima**

*Professora orientadora: Doutora, Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos. Diretora da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG, angelita\_lima@ufg.br*

## **Resumo**

Este trabalho analisou os títulos das matérias jornalísticas digitais relacionadas à transviolência de gênero, no período de 2018 a 2021, veiculadas no portal G1, buscou-se responder como a violência, contra as sujeitas travestis e os transgêneros, foi representada no material analisado e se existe uma relação

dessa representação com a revitimização que seria produzida a partir de termos utilizados no cabeçalho da matéria e que reforçariam os estereótipos, preconceitos e a discriminação. Objetivo geral desse artigo foi definir se os termos empregados nos títulos poderão ou não reproduzirem a revitimização fomentando ainda mais a violência contra essas sujeitas ao invés de combatê-la. Utilizamos como referencial teórico as contribuições dos estudos de violência de gênero, do transfeminismo e da psicologia social. Como metodologia adotou-se a análise de conteúdo (de viés qualitativo) na qual iremos analisar e comparar os títulos levantados a partir de três palavras chave: transfeminicídio, travestis e transgênero. Ao final, apresentou como resultado interpretativo que a percepção de que a revitimização dessas sujeitas variará, à medida em que se muda o emprego terminológico: como “travesti” que é frequentemente empregado em textos sobre classes precarizadas, em representações degradantes ou fortemente associadas ao noticiamento sensacionalista, sendo comum na maioria das matérias e reproduzindo simbolicamente a travestilidade como sinônimo de abjeção; “transgênero” possui frequência média e é empregado em representações ligadas à celebridades, aos universitários e aos profissionais qualificados, com pouca associação a processos de violência física; “transfeminicídio” possui pouca frequência, apresentando-se como um conceito amorfo no léxico jornalístico analisado.

**Palavras-chave:** Transviolências de gênero, Transfeminicídio, Revitimização midiática, Jornalismo.

## 1. Introdução

**B**uscou-se nesse estudo questionar como as palavras e os termos utilizados nos títulos das matérias estereotipam negativamente as sujeitas travestis e transgêneros em portais digitais. O que pode contribuir para a manutenção do preconceito, da discriminação e, com isso, da revitimização e da violência de gênero.

Ao se abordar a temática, extraiu-se as seguintes unidades de registro (termos utilizados pelos títulos dos jornais) com base na análise de conteúdo: transfeminicídio, travestis e transgênero, nas quais foram realizadas uma leitura exploratória do cabeçalho dessas coberturas jornalísticas digitais.

Da leitura de tais unidades de análise, conforme ensina Bardin (2016), foram agrupados termos e palavras de maneira a se permitir uma leitura, dessa vez, crítica para, então, proceder-se à verificação do processo de revitimização midiática como interpretação do resultado final dessa análise.

Por meio desses elementos, evidenciou-se que existe uma relação que permeia a violência de gênero sofrida pelas sujeitas travestis e transgêneros nos títulos dos noticiários, com as transviolências de gênero contida nas próprias matérias cujos termos empregados pelo jornal digital reforçam estereótipos, preconceitos e discriminação os são, também, um processo, em si, violento, o qual contribui de forma específica no ciclo da violência a qual denominamos revitimização midiática.

## 2. Metodologia

Para realizar as análises das notícias utilizou-se da análise de conteúdo(AC) com abordagem qualitativa (BARDIN, 2016).

Assim, a AC é:

Um conjunto de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (...) Não se limita ao conteúdo, embora tome em consideração o contingente (BARDIN, 2016, p. 31 e 34).

A AC, segundo Bardin é composta de diferentes fases organizadas em três polos cronológicos: “pré-análise; exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”. A pré-análise é feita a partir da escolha de documentos a serem submetidos à análise, da formulação de hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (BARDIN, 2016, p. 125).

A pré-análise foi desenvolvida definindo-se os pontos que seriam pesquisados, os que seriam excluídos, qual o webjournal se debruçaria a análise e o período. Dessa forma, selecionamos o portal G1, por ser o jornal vinculado a maior emissora do país, a rede Globo. Em relação ao período selecionado, optamos pelos três últimos anos os quais marcam o início do governo conservador de extrema direita no Brasil conhecido por seu discurso, muitas vezes, homofóbico e maxista, ou seja, no período de 2018 a 2021.

Assim, selecionamos na ferramenta de busca da página do webjournal, dentro do período informado, as matérias que utilizavam o termo transfeminicídio. A seguir, procuramos pelas matérias que, nos mês de sua ocorrência, resultavam da busca a partir dos termos chave “travestis” e “transgêneros”.

Encontramos cerca de 60 matérias com a palavra “travesti”, 21 sobre transgênero, no período de 2018 a 2021, além de 3 ocorrências de “transfeminicídios”: uma em março de 2018, uma em fevereiro de 2021 e uma em março de 2021. A seguir, passamos à análise dos títulos e das linhas-finas das matérias levantadas, tomando as palavras chaves “transfeminicídios”, “travestis” e “transgênero”, procurando contextualizá-las nas organizações frasais em que emergem.

Na coleta de dados, o procedimento seguido foi o documental. A pesquisa documental, para Marconi e Lakatos (2003), consiste na coleta dos dados nas fontes primárias, de documentos escritos e impressos, nos arquivos públicos dentro do período estudado.

Feito o levantamento, definimos as teorias sobre as transviolências, violência de gênero, estereótipos, bem como sobre a revimentização a partir dos dados catalogados, foram selecionadas as bibliografias que chefiaram esse estudo.

Nesse caminhar, a abordagem eleita foi qualitativa. É qualitativa porque, segundo Mattar (2001), busca inferir significados dentro de um contexto, ou seja, dos termos e expressões contidos nos títulos sob análise.

Para a seleção do material foram coletados os de caráter “informativo, tais como nota, notícia e reportagens” e excluídos os “artigos de opinião” cuja natureza diverge dos primeiros, dado o seu “caráter opinativo” que poderia prejudicar a análise e comparação diante da opinião do jornalista sobre o fato (Gomes, 2017, p. 51).

### 3. Referencial teórico

#### 3.1 A historicidade das experiências trans

Importa definir, inicialmente, as perspectivas teóricas e conceituais que embasam este trabalho. Acreditamos que as experiências trans possuem historicidade a ser destacada: elas são viabilizadas, enquanto tal, pelo sistema de sexo-gênero-desejo que emerge a partir do fim do século XVIII (BENTO, 2008). A ascensão de padrões discursivos que viabilizam a identidade a partir do sexo/sexualidade e procuram enquadrar as experiências (especialmente as desviantes) em/através de padrões médicos (FOUCAULT, 1988) são especialmente importantes na constituição de uma lógica de experimentação corporal dimórfica, na qual o trânsito entre gêneros é considerada inadmissível (BENTO, 2008). Neste contexto, e progressivamente nos séculos XIX e XX, as experiências trans se consagram como abjeção.

Importante destacar que perspectivamos as experiências trans no plural. Optamos por uma perspectiva acerca de transexualidade/transgeneridade que valorize sua pluralidade, contrastando com as tentativas de universalização destas experiências pelo viés medicalizador e valorizando seu potencial disruptivo de questionamento ao sistema de sexo-gênero-desejo ocidental. Segundo Berenice Bento:

Há uma pluralidade e diversidade entre as pessoas que vivem a experiência transexual, o que contrasta radicalmente com o transexual presente nos documentos oficiais. Nas últimas décadas, a formulação de um diagnóstico diferenciado para transexualidade terminou por produzir um sujeito transexual universal e homogêneo. Aquela/e que consegue se ajustar aos critérios e às definições estabelecidos para um transexual seria um/a “transexual verdadeiro” (BENTO, 2008, p. 58).

Neste contexto, importa demarcar que parece-nos importante estar atentos, sobremaneira, aos critérios de autodenominação e identificação, encarando os processos oficiais de enquadramento destas sujeitas de maneira crítica e questionadora.

### 3.2 Dos feminicídios aos transfeminicídios

Pensar as violências de gênero contra mulheres (cis e transgênero) exige um diálogo com a própria constituição do campo de estudos de violência. Estudos sobre o fenômeno e sua recorrência estiveram presente nos clássicos e contemporâneos das ciências sociais, sendo frequentemente teorizados por autores como Max Weber (data), Norbert Elias (data), George Simmel (data), Pierre Bourdieu (data) ou Pierre Clastres (data). Autores como Weber, Elias e Simmel produziram leituras fortemente afastadas das teorizações sobre sexo e gênero; Bourdieu, que teorizou a violência a partir de suas dinâmicas simbólicas, produziu leituras interessadas nestes temas e que, ainda hoje, são referências para a discussão na área.

A constituição de uma discussão frutífera sobre violências de gênero contra mulheres, contudo, esteve fortemente associada às leituras feministas que emergiram a partir dos anos 1970 no norte global. Neste contexto, a conceituação do “patriarcado” como regime político de dominação (MILLET, data; HARTMAN, data) teve grande importância. Seus efeitos foram não apenas intelectuais, mas também possuíram grande influência no desenrolar de políticas estatais e assecuração de direitos.

No contexto do sul global, foram (e continuam) sendo diversas as discussões sobre as violências de gênero contra mulheres. É nele, segundo Berenice Bento (2015), que o conceito de feminicídio começa a ser discutido, a partir das discussões relacionadas aos assassinatos de mulheres mexicanas. Do feminicídio ao transfeminicídio, em solo brasileiro, a obra de Bento continua sendo a principal referência para a definição do termo e sua conversão em ação política capaz de direcionar levantamento de dados, pesquisas e políticas públicas.

Acreditamos que as violências de gênero contra mulheres refletem a busca de afirmação de uma relação de poder entre homens e mulheres (TELES, 2002). Pensamos, ainda, que estes fenômenos denunciam relações estruturantes de nossa sociedade (BANDEIRA, 2017). Como Bento, acreditamos que os assassinatos de mulheres

transsexuais, transgênero e travestigêneres se relacionam ao âmbito das violências de gênero, sendo erroneamente contadas no âmbito das violências contra LGBTs (BENTO, 2015). Segundo a autora:

O transfeminício se caracteriza como uma política disseminada, intencional e sistemática de eliminação da população trans no Brasil, motivada pelo ódio e nojo. (...) E no âmbito conceitual são consideradas como vítimas da homofobia. Acredito, ao contrário, que as mortes das mulheres trans é uma expressão hiperbólica do lugar do feminino em nossa sociedade. Se o feminino representa aquilo que é desvalorizado socialmente, quando este feminino é encarnado em corpos que nasceram com pênis, há um transbordamento da consciência coletiva que é estruturada na crença de que a identidade de gênero uma expressão do desejo dos cromossomos e dos hormônios. O que este transbordamento significa? Que não existe aparato conceitual, linguístico que justifica a existência das pessoas trans. Mesmo entre os gays, é notório que a violência mais cruenta é cometida contra aqueles que performatizam uma estilística corporal mais próxima ao feminino. Portanto, há algo de poluidor e contaminador no feminino (com diversos graus de exclusão) que precisam ser melhor explorados (*Idem*, 2015, p.1).

A autora prossegue, explorando de maneira sugestiva a complexidade social dos transfeminicídios:

Sugiro que a principal função social deste tipo de violência é a espetacularização exemplar. Os corpos desfigurados importam na medida em que contribuem para coesão e reprodução da lei de gênero que define que somos o que nossas genitálias determinam. Da mesma forma que a sociedade precisa de modelos exemplares, de herói, os nãoexemplares, os párias, os seres abjetos também são estruturantes para o modelo de sujeitos que não devem habitar a nação (*Idem*, 2015, p.2).

Desta maneira, há grande relevância em compreender como o processo de noticiamento de sujeitas trans tem se dado no Brasil, uma vez que grande parte dos processos de espetacularização que se desenrolam, em nossos tempos, têm as mídias como suporte central.

## 4. Resultados e discussão

Realizamos, inicialmente, uma exploração no portal G1 *online*, utilizando-se os descritores: transfeminicídio, travestis e transgênero, tendo este momento sido voltado para o reconhecimento da proposição e das narrativas veiculadas nos jornais digitais dos portais G1 no período de 2018 a 2021, assim como para a escolha das categorias, unidades de registro e critérios de inclusão de fatores a serem analisados, delimitados conforme a seguir:

**QUADRO NÚMERO 01**

CATEGORIA	MANCHETES
TRANSFEMINICÍDIO	'É muito difícil um homicídio contra uma mulher não se configurar como feminicídio', diz promotora; BA tem 474 mortes em 2017.
	Travesti é morta a tiros em Aparecida de Goiânia.
	Travesti é presa suspeita de assassinato no centro de Brasília.
	Dupla é condenada por matar travesti a pedradas, em Goiânia.
	Anhanguera Notícias: Homem é suspeito de atirar em travesti, em Luziânia.
	Travesti é presa suspeita de participação na morte de homem em Brasília.
	Travesti é morta a tiros em calçada de Aparecida de Goiânia.
	Adolescente é apreendido suspeito do assassinato de travesti em Craíbas, AL.
	Polícia Civil prende segunda travesti suspeita de assassinato em Brasília.
	Travesti se entrega e confessa crime no Setor Hoteleiro Sul.
TRAVESTI	Justiça autoriza transferência de travesti de unidade masculina para feminina.
	Terceira travesti suspeita de matar cliente na madrugada de terça-feira (20) se entregou.
	Travesti é encontrada morta na zona rural de Craíbas, AL, diz GGAL.
	Vídeo mostra travesti sendo morta a tiros em ponto de ônibus de Luziânia, em Goiás.
	Polícia investiga morte de travesti em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio.
	Travesti de 17 anos é morta na BA; homem que mantinha relacionamento com vítima confessa crime e alega ciúmes.
	Homem condenado por morte de policial no MA e suspeito de assassinar mulher e travesti no DF é preso em MT.

CATEGORIA	MANCHETES
	<p>Representantes de movimentos LGBT estão preocupados com a violência contra os homossexuais.</p> <p>Cinco travestis são mortas esse ano no Pará, quase o total registrado do ano passado.</p> <p>População carcerária LGBTI deve ter atendimento mais humanizado, pede conselho do DF.</p> <p>Assassinatos de LGBTs cresceram 50% em 2017 em Mato Grosso.</p> <p>Transexual morre baleada e outra fica ferida na Zona Oeste do Rio.</p> <p>De 5 casos de mulheres mortas de forma violenta em semana de 2017 na BA, nenhum foi julgado; 2 são feminicídios.</p> <p>Travestis são presas por matar cliente esfaqueado.</p> <p>UFSB cria cotas para transexuais, travestis e transgêneros.</p> <p>Transgêneros e travestis entram nas cotas de gênero nas eleições, decide TSE.</p> <p>Hospital no Recife recebe mutirão especializado para travestis e pessoas trans.</p> <p>Universidade na Bahia é pioneira na criação de cotas para transexuais e travestis na graduação: 'Emblemático'.</p> <p>Alunos travestis, transgêneros e transexuais já podem usar nome social.</p> <p>Suspeito por ataques a travestis é apresentado pela polícia em Salvador.</p>
<b>TRANSGÊNERO</b>	<p>Vietnamita vence concurso de beleza transgênero na Tailândia.</p> <p>Trump publica memorando que limita acesso de transgêneros ao serviço militar.</p> <p>STF decide que transexuais e transgêneros poderão mudar registro civil sem necessidade de cirurgia.</p> <p>Mutirão da Ufac para alterar nome de transgêneros espera atender mais de 100 pessoas em dois meses.</p> <p>São Carlos, SP, tem 15 mudanças de registro de trans após decisão do STF.</p> <p>Daniela Vega, a atriz trans que colocou Hollywood a seus pés.</p> <p>Oscar de 'Uma mulher fantástica' acelera trâmite de projeto trans no Chile</p> <p>MS registra 1ª mudança de nome de transexuais e transgêneros sem cirurgia no Brasil.</p>

Fonte: G1. Elaboração dos autores.

## QUADRO NÚMERO 02

CATEGORIA	MANCHETES
<b>TRANSFEMINICÍDIO</b>	<p>Motoristas argentinos terão de fazer curso sobre igualdade de gênero para ter habilitação.</p> <p>Mais de 180 mulheres foram mortas na BA em 2020: 'É preciso entendimento social para mudar esses dados', diz pesquisadora</p>

CATEGORIA	MANCHETES
<b>TRAVESTI</b>	Travesti e comparsas assaltam loja em Fortaleza.
	Polícia indícia travesti por suspeita de homicídio.
	Acusados de matar travesti em Londrina vão a júri popular.
	Polícia Civil indícia por latrocínio travesti suspeita de matar um homem em Belo Horizonte.
	Polícia investiga tentativa de homicídio contra travesti em Pereira Barreto.
	Polícia prende 2º suspeito de envolvimento em morte de travesti em Ponta Grossa.
	Mulher é presa suspeita de matar travesti a tiros em Santo Antônio de Jesus.
	Homem é preso por matar travesti a facadas após discordar do valor de programa na Bahia.
	As travestis e transformistas que frequentavam a cena alternativa de SP em plena ditadura militar.
	Ambulatório Trans no HGV atende pacientes travestis e transexuais.
	Travesti que é vereadora suplente morre ao tentar assalto.
	Em Barbalha, travesti morre atropelada ao tentar praticar assalto.
	Motorista que teria atropelado uma travesti se apresenta à polícia no Cariri.
	Travesti morta em Barbalha foi atropelada depois de tentar assaltar uma jovem.
	Travesti e vereadora suplente morre ao tentar assalto em Juazeiro do Norte.
	Travesti que vinha sofrendo ameaças é morta a tiros em Volta Redonda.
	Suspeito de envolvimento em morte de travesti é preso no interior da Bahia.
	Travesti é morta a tiros em Santo Antônio de Jesus; suspeita é presa.
Polícia é chamada para atender suposta invasão de domicílio e acha travesti ferido com 3 tiros em MS.	
Barroso autoriza detentas trans e travestis a escolher entre presídio feminino e masculino.	
<b>TRANSGÊNERO</b>	'Agora a farda não pesa', diz primeira mulher transgênero da Guarda Civil de Macapá.
	Primeira Guarda Civil Transgênero de Macapá, Beatrice Borges atua há 21 anos na corporação.
	Justiça condena humorista Léo Lins por dano moral contra mulher trans em Jacareí.
	Policial trans de SC aguarda há meses atualização de documentos militares para voltar a trabalhar nas ruas: 'Quero reconhecimento'.
	Gêmeas trans de 19 anos fazem cirurgia de readequação de sexo em SC.

CATEGORIA	MANCHETES
	GloboNews Internacional: Elliot Page é o primeiro homem transgênero na capa da "Time".
	Eliott Page, ator de 'Juno' e 'The umbrella academy', é 1º homem trans na capa da revista 'Time'
	Primeira militar transexual da Coreia do Sul é encontrada morta.
	8 de março: Mulheres trans falam sobre conquistas em SC e comemoram data; 'significa um dia de esperança para mim e para todas nós', diz sargento.
	'Livres de um passado que prendia a gente', diz trans após cirurgia de readequação sexual com gêmea.

**Fonte:** G1. Elaboração dos autores.

A análise trouxe como resultados a percepção de que a caracterização destas sujeitas varia, à medida que muda o emprego terminológico: "travesti" é frequentemente empregado em textos sobre classes precarizadas, em representações degradantes e fortemente associadas ao noticiamento sensacionalista de assassinatos, sendo utilizado na maioria das matérias e reproduzindo simbolicamente a travestilidade como sinônimo de abjeção.

Já no "transgênero" possui frequência média e é empregado em representações ligadas a celebridades, universitários e profissionais qualificados, com pouca associação a processos de violência física. Ainda, o "transfeminicídio" possui pouca frequência, apresentando-se como um conceito amorfo no léxico jornalístico analisado.

## 5. Considerações finais

Constatou-se, pela amostragem analisada, que, além das discriminações relacionadas as palavras utilizadas nos títulos dos noticiários, sob análise, também encontramos categorias de estereótipos, preconceitos e discriminação como liame que estabelece a relação entre a transviolência com a revitimização. Neste sentido, ao analisar o conteúdo dos títulos das manchetes, verificou-se que a representação das transviolências de gênero é um processo, em si, violento, configurando uma modalidade específica no ciclo da violência que denominamos revitimização midiática.

Ao final, pudemos inferir como resultado interpretativo que a percepção de que a revitimização dessas sujeitas variará à medida em que se muda o emprego terminológico: como "travesti" que é

frequentemente empregado em textos sobre classes precarizadas, em representações degradantes ou fortemente associadas ao noticiamento sensacionalista, sendo comum na maioria das matérias e reproduzindo simbolicamente a travestilidade como sinônimo de abjeção; “transgênero” possui frequência média e é empregado em representações ligadas à celebridades, aos universitários e aos profissionais qualificados, com pouca associação a processos de violência física; “transfeminicídio” possui pouca frequência, apresentando-se como um conceito amorfo no léxico jornalístico analisado.

## Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2016.

BANDEIRA, L. **Violência, Gênero e Poder: múltiplas faces**. In: STEVENS, C; Oliveira, S; Zanello, V; SILVA, E.; PORTELA, C. (Orgs). **Mulheres e violências: interseccionalidades**. Brasília: Tecnopolitik, 2017, PP. 14-33.

TELES, M.; MELO, M. **O que é Violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BANDEIRA, Loudes et al. Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Rev. Estud. Fem.*, vol. 10, n. 1, Florianópolis, Jan. 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100007). Acesso em: 21 nov. 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70. ed. Lisboa, Portugal: LDA, 2016.

BENTO, B. **Brasil: o país do transfeminicídio**. São Paulo: Centro Latino-Americano de Sexualidade e Direitos Humanos, 2015. Disponível em: [http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/transfeminicidio\\_berenice\\_bento.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/transfeminicidio_berenice_bento.pdf)

BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Estereótipos, preconceito e discriminação racial*. 2009. Disponível em <https://grupos.moodle.ufsc.br/>

pluginfile.php/1706/mod\_resource/content/0/modulo4/mod4\_unidade2\_texto5.pdf. Acesso em: 29 nov. 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: Franchetto, Bruna, Cavalcanti, Antropológicas da Mulher 4, São Paulo: Zahar Editores, 1985.

GOMES, Luciano Silva; MIRANDA, Cynthia Mara. A mulher, o coturno e mídia: Experiências de um comando militar feminino. In: PÔRTO JR., Gilson; CASTRO, Darlene Teixeira; MELO, Gabriela Pereira; BARCELAR, Alessandra (Org.). **Comunicação e sociedade**: discussões sobre práticas e impactos da comunicação e do cotidiano. Porto Alegre, Rs: Editora Fi, 2017.

GUERRA, Paula B. de C. **Resenha: psicologia social dos estereótipos**. 2012. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712002000200013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712002000200013). Acesso em: 05 dez. 2019.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LANE, Silvia T. M. et al. **Psicologia social**: o homem movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

LEITE JR., J. **Nossos corpos também mudam: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. 2008. Tese (Doutorado). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3992>.

LIMA, Angelita P. **A notícia de violência contra a mulher e a violência da notícia**. Dissertação de Mestrado. UFG. Goiânia, 2001.

LIMA, Marcus E. O. **Estereótipos, preconceitos e discriminação**: perspectivas teóricas e metodológicas. EDUFBA, Salvador: 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEIRA, Margarida: **Ação do contexto nos estereótipos**: influência e limites. Tese de Mestrado em Psicologia. Universidade de Lisboa, 2010/2011. Disponível em [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4959/1/ulfpie039657\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4959/1/ulfpie039657_tm.pdf). Acesso em: 10 jan. 2019.

MOURA, Samantha N. C. **Estupro de mulheres como crime de guerra**: lições sobre direito, feminismo e vitimização. Campinas-SP: Servanda, 2017.

PEREIRA, E. M. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

POMBO, Olga. **Epistemologia da Interdisciplinaridade**. Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste - Campus De Foz Do Iguaçu, v. 10, n. 1. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141/3187>. Acesso em: 29 dez. 2019.

TRINDADE, Antonio et al. **Estereótipos, preconceito e discriminação**. São Paulo: IEI, 2017.